



# O ENSAÍSMO DE MACEDO SOARES: NUANCES E DIÁLOGOS NA IMPRENSA ACADÊMICA OITOCENTISTA<sup>1</sup>

GROSSI, Anna Giulia Cardoso<sup>2</sup>  
SANTOS, Natália Gonçalves de Souza<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa ensaios de Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905), publicados entre os anos de 1857 e 1861, nos *Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano* e no *Fórum Literário*, visando elucidar aspectos constitutivos de seu discurso crítico que demonstrem um processo de mudança nas posições assumidas pelo autor, indo de uma adoção apaixonada do ideário nacionalista a um olhar mais amplo para o fazer literário. Para tanto, o cenário que permeou o processo de emancipação das letras pátrias e a circulação dos estudos de literaturas estrangeiras no Brasil são retomados. Com base neles, analisam-se hegemonismos e dissonâncias nos textos do fluminense. À medida em que a sua produção crítica é revisitada à luz de um determinado arcabouço teórico, no caso, os primeiros passos da literatura comparada no Brasil, uma imagem menos convencional dessa figura que marcaria a crítica literária oitocentista é entrevista.

**PALAVRAS-CHAVE:** romantismo brasileiro; periodismo acadêmico; crítica literária; Macedo Soares.

## THE ESSAYS OF MACEDO SOARES: NUANCES AND DIALOGUES IN THE 19TH CENTURY ACADEMIC PRESS

**ABSTRACT:** This article analyzes essays by Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905), published between 1857 and 1861, in the *Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano* and in the *Fórum Literário*. It aims at elucidating constitutive aspects of his critical discourse that demonstrate a process of change in the positions adhered by the author, who goes from a passionate adoption of nationalist ideas to a broader look at literary work. In order to do that, we take a look at the scenario that permeated the process of emancipation of Brazilian literature and the circulation of foreign literature studies in

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do projeto de pesquisa intitulado “Caminhos do comparatismo nas folhas acadêmicas da São Paulo oitocentista: vozes dissonantes” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Foi bolsista de Iniciação Científica em pesquisa financiada pela FAPEMIG. E-mail: anna.grossi@ufv.br

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH/USP. E-mail: natalia.g.santos@ufv.br

Brazil. Based on these studies, we analyze the hegemonism and dissonances in Macedo Soares' texts. As his critical production is revisited in the light of a certain theoretical framework, in this case, the first steps of comparative literature in Brazil, we begin to see a less conventional image of this figure that would mark nineteenth-century literary criticism.

**KEYWORDS:** Brazilian romanticism; academic journalism; literary criticism; Macedo Soares.

## Introdução

O Romantismo é um amplo movimento estético e político, incorporado no Brasil num contexto de pós-independência, constituindo-se como um rompimento com o arcadismo em prol de uma visão de mundo reformadora, que possibilitasse uma nova expressão e a consolidação, no plano simbólico, do que se havia alcançado no político. Levando em conta seus aspectos gerais, o movimento romântico transita entre dois polos possibilitando tanto a valorização das características particulares de cada povo, quanto a exploração de aspectos universais e comuns a todos (SANTOS, 2022).

Dessa forma, ainda que houvesse uma visão mais hegemônica em que prevalecia a pauta nacionalista como modelo a ser seguido, no âmbito das manifestações literárias, não podemos deixar de enfatizar a existência de vozes que destoavam das tópicas mais comumente ligadas à brasilidade em prol de uma perspectiva mais universalista de literatura, aspecto pelo qual se destacaria, dentre outros, a notável figura de Álvares de Azevedo. Por essa “atitude destoante do esforço central da crítica do tempo” (CANDIDO, 1989, p. 14), o escritor chegou ainda a ser considerado um alienado pelos seus contemporâneos, o que evidencia, sobretudo, as dificuldades de se assumir um posicionamento distinto do predominante naquelas circunstâncias.

Ainda assim, e apesar disso, o contexto brasileiro não se afastou da dualidade fundamental do movimento que implementava: o binômio hegemonismo *versus* dissonância se fez presente ao longo dos extensos debates que permearam o discurso de formação da literatura nacional, literatura essa que “para uns era a celebração da pátria, para outros o indianismo, para outros, enfim, algo indefinível, mas que nos *expressasse*.” (CANDIDO, 2000, v. 2, p. 11, grifos do autor).

Nesse sentido, é interessante mencionar que nem mesmo a proposta mais aceita de uma literatura com ênfase na cor local rompia de forma abrupta com as influências estrangeiras,

mostrando-se flexível à aceitação do externo para composição do interno. Um exemplo disso é a sugestão de pautas literárias trazidas por estrangeiros com o intuito de fomentar nossa nacionalidade literária. Tal é o caso do francês Ferdinand Denis, o que resulta, segundo Candido, numa literatura que:

Tendo-se originado de uma convergência de fatores locais e sugestões externas, *é ao mesmo tempo nacional e universal*. O seu interesse maior, do ponto de vista da história literária e da literatura comparada, consiste porventura na felicidade com que as sugestões externas se prestaram à estilização das tendências locais, resultando um momento harmonioso e íntegro, que ainda hoje parece a muitos o mais brasileiro, mais autêntico dentre os que tivemos. (CANDIDO, 2000, v. 2, p. 15, grifos nossos)

Levando em conta a pertinência das discussões em torno de uma literatura que se formava e se queria autônoma, não podemos deixar de aludir às vias responsáveis por enriquecer a dimensão das contribuições que tivemos no período. Nesse sentido, colocamos em evidência o surgimento das associações acadêmicas com berço na Faculdade de Direito de São Paulo que, por meio da fundação de periódicos, exerceram um papel fundamental na disseminação do exercício crítico e intelectual produzido pela mocidade nos oitocentos. Foi, a propósito, nesse contexto que, por volta de 1850, a imprensa viu surgir as primeiras publicações de Antônio Joaquim de Macedo Soares, figura que marcaria o período pelo tom analítico de seus ensaios e pelo volume de sua produção. Candido assim o distingue entre seus pares:

[...] parece que a única vocação predominantemente crítica seria a de Macedo Soares, logo desviada para o Direito. Os seus artigos nas revistas acadêmicas são muito bons, como forma e pensamento. Embora apaixonado pelo nacionalismo literário, não lhe faltou compreensão de outros rumos da poesia (CANDIDO, 2000, v. 2, p. 317).

Além disso, considerando o longo período pelo qual tais debates se estenderam e o interesse da intelectualidade brasileira pelas revistas internacionais, dentre elas a *Revue des deux mondes*, que chegavam ao Brasil trazendo debates em torno dos estudos de literaturas estrangeiras – ancestrais da literatura comparada –, não seria surpreendente que posturas tomadas e ideais proferidos fossem, posteriormente, reavaliados por seus próprios

interlocutores. É nesse sentido que propomos, através deste artigo, um olhar mais detido para mudanças constatadas na constituição dos ensaios críticos de Macedo Soares, figura que *a priori* defenderia com afincos uma emancipação literária pautada exclusivamente pelo nacionalismo, mas que, num segundo momento, mostrar-se-ia mais tolerante com determinadas tendências, manifestando adesão a um olhar mais universal para a literatura.

Isso posto, o artigo se desenvolverá a partir do seguinte percurso: num primeiro momento, serão abordadas questões imbricadas no processo de independência que tornaram o delineamento de um protótipo de literatura nacional algo tão caro aos nossos românticos. A seguir, trataremos do contato da mocidade acadêmica com os estudos de literaturas estrangeiras, dando ênfase em como isso repercutiu e influenciou determinados posicionamentos na formação dos discursos críticos que vinham a lume na imprensa paulista dos oitocentos e justificava, ora o afastamento de alguns de nossos intelectuais do ideal hegemônico, ora sua aproximação deste. Por fim, tendo Macedo Soares se configurado como uma das mais eminentes vozes críticas no contexto romântico brasileiro, apresentaremos ensaios publicados pelo articulista nos periódicos *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano* (1852-1863) e no *Fórum Literário* (1861), elucidando, a partir de uma perspectiva comparatista, alterações em seu discurso e as possíveis motivações implicadas, haja vista que o próprio crítico evidencia em suas produções o diálogo com os já mencionados estudos de literaturas estrangeiras.

## **Literatura e Independência**

A Independência do Brasil esteve longe de ser tão somente um ato com consequências políticas, sua concretização reverberou nas mais diversas esferas da sociedade oitocentista, despertando tanto na classe política, a exemplo do imperador dom Pedro II, quanto naqueles que detinham algum prestígio social, o desejo de que o país se fizesse autônomo e reconhecido na plêiade das Nações. Desse modo,

Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX (GUIMARÃES, 1988, p. 6).

Portanto, ao “concebe[r] a literatura como o termômetro pelo qual seria possível medir o grau de civilização de um povo” (GARMES, 2006, p. 90), é evidente que, naquele dado período, ela não escaparia ao projeto empreendido de construção da imagem nacional. Isso justifica o empenho dos intelectuais e acadêmicos da época em delinear as características imanentes no que concernia ao fazer literário. Ainda nesse sentido, há de se considerar que:

A Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da ideia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional (CANDIDO, 2000, v. 2, p. 12).

É desse modo que o surgimento de associações estudantis vinculadas à Faculdade de Direito de São Paulo se tornaria uma peça fundamental para o enriquecimento das discussões de cunho literário, notadamente no âmbito do que é geralmente chamado de segunda geração romântica. O objetivo de seus membros se materializaria na fundação de periódicos que trariam em suas páginas temáticas alinhadas aos interesses da agremiação. Não obstante a disposição dos colaboradores para a publicação de artigos jurídicos e pareceres políticos, as produções literárias e as manifestações críticas também tiveram seu lugar resguardado. Estas últimas, especialmente de nosso interesse, no cenário de sua emergência, corroborariam de forma dominante com o ideário nacionalista, na medida em que no seu exercício “persist[iria]m a fidelidade à cor local e a autenticidade emocional como critérios solidários para o julgamento da produção literária” (SOUZA, R., 2013, p. 16).

Aliado a esse interesse, vale ressaltar que os intelectuais do período eram movidos por um senso de dever patriótico relativo à instrução e civilização do povo<sup>4</sup>, algo que surgiria com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, e repercutiria nos intentos do publicismo acadêmico paulista. Guimarães (1988, p. 6) identifica nesse condicionamento “uma certa postura iluminista – o esclarecimento, em primeiro lugar, daqueles que ocupam o topo da pirâmide social, que por sua vez encarregar-se-ão do esclarecimento do resto da sociedade”. Essa visão pode ser facilmente entrevista nos periódicos estudantis, que buscavam dar conta de uma extensa pauta de assuntos, seja por meio da pena de seus colaboradores, seja por meio de traduções e transcrições de jornais da corte ou da Europa.

### **Estudos de literaturas estrangeiras e formação do discurso crítico brasileiro**

Tendo revelado o caráter iluminista que se instaurava entre a mocidade paulista, manifestado, dentre outros, pelo seu particular interesse em contribuir para o progresso da pátria ao valer-se da imprensa como mecanismo de civilização e de difusão do conhecimento, os periódicos da província com frequência estampavam em seu editorial menções como a que se segue, retirada dos *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano* (1852-1863), que deixa entrever o caráter variado das leituras com as quais a intelectualidade oitocentista tinha contato:

Expandir as forças do pensamento que nasceu para soberano do mundo e não fazer sua sede no estreito espaço do individualismo, tal é a missão que se propõe. *Mas as forças do pensamento se dirigem para a vastidão das existências, para a universalidade dos seres e suas extensas relações* – os Ensaio Literários não ousam tanto pretender. Suas aspirações não vão tão longe, suas vistas e ambições são muito limitadas – a literatura é o teatro em que tem de viver, onde por certo se terão de manifestar as oscilações do espírito juvenil, que anseia a verdade. [...]

Os “Ensaio” almejam esboçar as ideias que, partindo desses pontos tão brilhantes e fecundos, despontem no horizonte de seu pensar; e quando contemplarem esse manancial das mais divinas inspirações – o belo, exprimir as fracas imagens que se lhe pintarem n’alma, ou quando folhearem as páginas

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que a noção de *povo* mencionada pelos intelectuais do período não poderia abarcar de forma homogênea a sociedade brasileira do período que, não obstante a pequena parcela de indivíduos letrados, era essencialmente formada por escravizados.



de um Dante ou Petrarca, Lamartine ou Hugo, traçar os prazeres da imaginação e do gosto, que se lhes despertarem na ocasião e as observações sugeridas pelo espírito crítico, embora nascente. (INTRODUÇÃO, 1852, v. 1, n. 1, p. 1-2, grifos nossos).

Um outro aspecto que não podemos deixar de observar, a partir do fragmento, é a manifestação de uma visão mais universalista em detrimento da noção individualista, já que o espírito crítico não parece colocar fronteiras em sua busca pelo conhecimento. Dessa forma, pode-se dizer que, apesar da comoção geral em torno de um projeto literário que colocasse em relevo as particularidades de uma nação que acabara de romper com os elos coloniais, não havia como cercar o movimento romântico brasileiro apenas a esse viés. Desse modo, constata-se ainda que, em graus variados e de forma tolhida num primeiro momento, existia nessas publicações uma certa inclinação no que tange à valorização da fraternidade entre os povos, ao menos, a nível de troca intelectual.

Além disso, esse fragmento, embora retirado do periódico mencionado, elucida de forma geral o que encontramos em tantos outros textos que circulavam em São Paulo no âmbito da segunda geração romântica. Portanto, tomá-lo como base nos permite concluir que a mocidade acadêmica paulista, ao nutrir um grande apreço pelas questões relativas à constituição do cânone nacional, não poderia deixar de ponderar acerca de sua recepção crítica. Desse modo, cômicos das dificuldades que circundavam a emancipação das letras pátrias, uma parcela da intelectualidade brasileira, ao ansiar por fazer do exercício crítico um saber especializado, voltou-se para a formulação dos primeiros ensaios metacríticos de que se tem notícia nos oitocentos ao arrolarem nessas produções ideais de como deveria vir a constituir-se a crítica literária nacional. Ao identificá-los escassos, Acízelo de Souza depreende:

[...] tudo indica que a crítica é muito mais uma prática casuística do que um saber propenso à teorização. Conseguimos assim localizar apenas três estudos classificáveis na categoria [metacrítica]: “Revista Literária” (1859), de Bernardo Guimarães; “Da Crítica Brasileira” (1860), de Macedo Soares; “O Ideal do Crítico” (1865), de Machado de Assis.

Esses esforços apresentam em comum, em primeiro lugar, o fato de referirem à circunstância brasileira os traços universais da crítica que procuram inventariar e definir. Desse modo, compreensivelmente, tendo em vista o espírito geral da época, ressaltam a contribuição que poderia esperar-

se da crítica para o desenvolvimento literário nacional (SOUZA, R., 2013, p. 19).

Essa menção, aliada ao que já fora citado pelo articulista dos *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, reforça que não havia, até aquele momento no Brasil, uma tradição crítica solidamente constituída e, apesar dos critérios localistas em que o projeto literário nacional se apoiou para as manifestações esporádicas desse exercício, importantes intelectuais do período continuaram a buscar no velho mundo os princípios necessários para embasar o julgamento das obras literárias que vinham a lume na imprensa.

Nessa busca, porém, identifica-se uma predileção pelos insumos literários oriundos da França, que já circulavam em solo nacional desde o século XVIII (ELESBÃO, 2020). Dentre eles, a fim de melhor entendermos os fundamentos da crítica que se formava no contexto brasileiro, especialmente daquela que se afastava em algum grau do ideário nacionalista, destacamos os estudos de literaturas estrangeiras, que irrompem na década de 1830 (SANTOS, 2021), sendo responsáveis tanto por popularizar o termo literatura comparada, quanto por “consolida[r] em definitivo a inclinação comparativista aplicada à literatura” (CARVALHAL, 2006, p. 9).

Os estudos de literaturas estrangeiras, como apontado por Santos (2021), tiveram como motivação as investigações no âmbito da filologia comparada que, por meio da descoberta do tronco linguístico indo-europeu, colocou em relevo a existência de uma relação de parentesco entre as diversas nações do velho continente. Essa constatação, aliada à cultura romântica que se dispersava, ampara, por um lado, a emergência de “movimentos de delineamento de uma especificidade nacional e [por outro lado a] consideração da fraternidade e multiplicidade [entre os povos]” (SANTOS, 2022, p. 89). Aspecto que, no âmbito literário, justifica ora o anseio por explorar aquilo que nos distingue do outro, ora nos permite aceitar aquilo que dele nos aproxima com base na compreensão de que “nada vive isolado, todo mundo empresta a todo mundo: este grande esforço de simpatias é universal e constante” (CHASLES apud CARVALHAL, 2006, p. 10).

Ainda que a primeira das características mencionadas tenha se mostrado hegemônica no processo de formação da literatura brasileira em razão de todo o contexto social e político que a nação atravessava, nossos literatos não puderam deixar de, ao se apropriarem do repertório francês dos oitocentos, terem contato com a outra perspectiva, mais universalista, e dela se apropriarem. Aludindo à circulação de tais estudos em solo nacional, nota-se um

especial apreço pelas edições da *Revue des deux mondes* que aqui chegavam, periódico ao qual Macedo Soares teve acesso<sup>5</sup> e “que parece ter sido o maior veículo das ideias críticas francesas entre nós, durante o Romantismo e talvez mesmo depois dele.” (FARIA, 1968, p. 68). Sendo assim, Santos (2022, p. 57) destaca que:

Por mais variado que pudesse ser o leque de periódicos e, por meio deles, de articulistas consultados por nossa intelectualidade oitocentista, não se pode negar a importância que a *Revue des deux mondes* e seus colaboradores tiveram no meio intelectual do Segundo Reinado, situação demonstrada, entre outros indícios, pela predileção que o próprio imperador d. Pedro II tinha pela revista, fato registrado em diversas ocasiões. Sua presença, relativamente massificada no cotidiano de certa parcela da população, pode ser verificada na literatura e nos jornais de nosso país, à época.

Além disso, por meio da leitura de nossa crítica oitocentista, nota-se que alguns intelectuais acabaram tornando-se mais populares em menção do que outros. Nesse sentido, passamos a comentar brevemente quais seriam esses intelectuais, que possuem outras características em comum além da popularidade entre os letrados brasileiros do século XIX, sendo elas o fato de todos terem sido citados por Macedo Soares e terem relação com a cátedra dos estudos de literaturas estrangeiras, seja por terem sido efetivamente professores ou se valerem dessas premissas em seus estudos e artigos.<sup>6</sup> O primeiro deles é “Gustave Planche [que], aliás, ocupou lugar de destaque na preferência dos brasileiros [...]. Apesar da péssima reputação entre os contemporâneos, na França, [...] Planche [era] cultuado entre os acadêmicos paulistas, ao lado de Villemain et [sic] de Sainte-Beuve.” (FARIA, 1968, p. 68). Ao listar ensaios de Planche que circularam no Brasil, Faria (1968, p. 69) aponta que devido a isso

e provavelmente pela frequência e variedade de sua colaboração na RDM, [o crítico] chegou a impressionar profundamente nossos românticos [...]. Foi tão lido pelos nossos, que as referências a ele não se limitaram apenas à citação

---

<sup>5</sup> No ensaio “Considerações sobre a atualidade de nossa literatura”, publicado nos *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano* no ano de 1857, Macedo Soares cita um fragmento do artigo “Mozart et D. Juan” que, em nota de rodapé, evidencia ter sido retirado da *Revue des deux mondes*.

<sup>6</sup> Para maiores informações acerca das vinculações institucionais de cada intelectual à cátedra dos estudos de literaturas estrangeiras, bem como o seu desenvolvimento na França, ver Espagne (1993).

do nome, ao correr da pena, para dar um ar de erudição vaidosa ao escrito. As ideias de Planche foram também assimiladas, repetidas, copiadas.

Seguindo ainda a lista de Faria, devemos apresentar Abel-François Villemain, que foi “figura central da crítica francesa na primeira metade do século XIX, professor na Sorbonne e seguidor de de Staël” (SOUZA, N., 2006, p. 206). O autor, por sua vez, foi responsável por popularizar o comparatismo aplicado à literatura, embora tenha sido professor de literatura francesa. Alicerçado no ecletismo, doutrina filosófica corrente à época, ele acreditava que o contato com o estrangeiro não oferecia risco à exploração do traço nacional. Seu sucesso no Brasil “deve-se ao fato de se ter definido numa posição intermediária, além de suas ideias *fundamentais* corresponderem às necessidades do país recém-liberto” (FARIA, 1968, p. 75, grifos nossos).

Já Sainte-Beuve se consagraria, embora tendo sido aluno de Villemain, à crítica de viés biográfico, método popular à época, reputado controverso posteriormente. Para ele “central, numa tal perspectiva analítica e[ra] o problema da *gênese* literária. O texto, aqui, é sempre insuficiente, no sentido de que não se lhe explica sem referência à sua origem, à sua causa primeira, a saber: seu autor.” (SOUZA, N., 2006, p. 207, grifos do autor).

Além desses, como se sabe, muitos outros estudiosos da intelectualidade francesa tiveram seus nomes estampados nos diversos ensaios publicados pela mocidade acadêmica no século XIX. Todavia, observando contradições na natureza de tais diálogos, pode se pensar que:

A teoria da crítica brasileira romântica, como o mostrou Antonio Candido em sua *Formação da Literatura Brasileira*, não vai além da repetição de algumas ideias fundamentais baseadas sobretudo nos primeiros românticos franceses e alemães do grupo de Mme de Staël e que vinham justamente ao encontro dos anseios de independência dos brasileiros. Estas ideias foram repetidas pelas gerações seguintes, as quais se lhe juntaram algumas outras, mais recentes, sem entretanto se atentar ao choque inevitável entre elas, que provinham de gerações mais recentes e se formavam como reação às anteriores, sob influências várias, políticas, sociais ou outras. Assim, ao grupo que introduziu o Romantismo na França, associaram-se, no Brasil, às ideias das gerações francesas mais novas, em particular àquelas que marcaram a literatura e a filosofia de 1830, numa lamentável ausência de perspectiva histórica. Até 1870, por exemplo, Mme de Staël vem citada ao lado de Villemain, de Cousin,

do Hugo das décadas de vinte e trinta e de críticos mais recentes, todos sem a devida distinção. Uma autêntica bola de neve, que aumenta sempre à medida que as gerações aparecem (FARIA, 1968, p. 73-74).

Se é certo que alguma falta de perspectiva histórica no uso das referências e inépcia no seu manejo poderiam ocorrer no meio acadêmico, também não podemos ignorar a presença de leitores mais competentes, caso de Macedo Soares, a quem voltamos agora nosso olhar. Sua ampla presença no publicismo acadêmico dos oitocentos o tornou mais conhecido por sua vertente nacionalista. No entanto, ele também dialogaria com o ideário de estudiosos das literaturas estrangeiras, traço que exploraremos a seguir, com o intuito de sugerir alteração de suas posições críticas iniciais.

### **Macedo Soares: diálogos críticos e perspectivas**

Ao introduzir Antônio Joaquim de Macedo Soares, Elesbão assim o define:

[...] um homem culto, conselheiro do Império, formado em Direito e atento às letras no Brasil, destacado pela análise acurada que fazia de seu tempo e das obras literárias que chamavam sua atenção, publicando textos na *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*, na *Revista Popular*, na *Ensaio Literários do Atheneu Paulistano*, no *Correio Mercantil*, no *Fórum Literário*, na *Kaleidoscópio*, entre outros periódicos (ELESBÃO, 2020, p. 27).

Como evidencia a mesma autora, as produções teóricas do crítico traziam como pressupostos “a nossa autonomia política e artística, a valorização do nosso passado histórico, o sentimento da natureza, o vínculo entre originalidade e nacionalidade, o elemento indígena, a moral religiosa, o desenvolvimento lógico e coerente entre forma e conteúdo” (ELESBÃO, 2020, p. 39), aspectos que colocam em evidência seu alinhamento com a pauta nacionalista. A propósito disso, sua concepção não se restringia somente ao fazer literário, “fala[va] ele na ‘necessidade de nacionalizar-se a ideia em todas as ordens de conhecimentos’, a nacionalização da família, do direito” (COUTINHO, 1968, p. 83), entretanto, em contato com sua obra teórica nota-se que era especialmente na poesia que desejava ver sobressair-se o espírito nacional.

Isso posto, ainda que à primeira vista não pareça haver nada destoante neste crítico hegemônico dos oitocentos, para além de sua reconhecida capacidade crítica, Cairo nos traz a seguinte proposição:

Macedo Soares não fugiu à regra, mas trouxe à cena uma curiosa visão do que fosse a nacionalidade da literatura brasileira: nacionalidade e originalidade como termos inseparáveis, que deveriam reger, com “fé e trabalho”, a construção das representações da brasilidade, pondo assim em xeque o princípio romântico de “desordem e gênio” (CAIRO, 2013, n. 12-13, p. 264).

Esse aspecto de contrariedade em relação a um princípio romântico básico alimentaria sua oposição à manifestação de determinadas tendências no âmbito do Romantismo e reverberaria até mesmo em sua produção poética, segundo análise de seu contemporâneo Paulo Egydio que, ao comparar “Misérrimo”, do crítico fluminense, à “Sepultura de um escravo”, de Bernardo Guimarães, aponta: “de “Misérrimo” à “Sepultura de um escravo” vai, porém a diferença que distingue em geral tudo o que sai da pena de Macedo Soares, isto é, *a aplicação severa da reflexão do assunto, e o esmero escrupuloso nas formas do pensamento* (EGYDIO, 1864, v. 1, n. 7, p. 3, grifos nossos).

Aliado a isso, apesar de nutrir uma forte aversão à imitação servil dos modelos estrangeiros para a constituição de nossa literatura, Macedo Soares não deixou de recorrer ao diálogo com as fontes externas para embasar seu juízo crítico, dado que “em muitos de seus ensaios [...] lançou mão de filósofos e escritores franceses para desenvolver suas ideias” (ELESBÃO, 2020, p. 30), o que cremos ter influído de modo decisivo nas alterações constatadas em seu discurso crítico possibilitando-nos trazer um olhar menos convencional para sua figura, traço que abordaremos de forma mais detida ao apresentarmos algumas de suas publicações. E, nesse sentido, vale dizer que a discussão aqui proposta não se debruça sobre toda a produção ensaística de Soares, empreitada que muito transcenderia os limites de um artigo, mas busca analisar dois momentos da trajetória do crítico, separados por um intervalo de quatro anos, a partir de dois veículos de comunicação distintos.

Os ensaios “Considerações sobre a atualidade da nossa literatura” (CAL), “Cantos da solidão” (CS), “Da literatura byrônica” (DLB) e “Tendências novas” (TN) foram publicados pelo crítico fluminense entre os anos de 1857 e 1861. Os títulos deixam entrever que Macedo Soares, além de elaborar resenhas sobre obras publicadas à época, também se preocupava com



questões mais amplas, imanentes ao fazer literário. E, se a princípio, tais ensaios parecem bem diversos entre si, um leitor atento logo perceberá que em todos eles o crítico encontrou meios de abordar uma certa tendência que, até certo ponto, combateria com veemência: o byronismo, movimento que agitou os literatos da segunda geração romântica, afastando-os do tão idealizado colorido local.

Visando uma abordagem comparatista que evidencie o processo transformativo do discurso de Macedo Soares, trataremos de CAL e DLB em primeira instância de modo a contrapor aspectos mais gerais abordados pelo crítico, considerando o lapso temporal de quatro anos que afasta as publicações. A seguir, analisaremos do mesmo modo CS e TN, ambos pautados na premissa de resenha literária e apartados igualmente pelo mesmo período de tempo.

Em “Considerações sobre a atualidade da nossa literatura”, publicado em 1857 nos *Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano*, Macedo Soares objetiva elucidar em que situação se encontra o desenvolvimento literário no Brasil e, para tanto, percorre a poesia, o teatro e o romance, recorrendo a obras e autores icônicos nesse processo de emancipação para justificar a situação embrionária das letras pátrias. Trata-se de um ensaio mais robusto, publicado em duas edições distintas da revista, cada parte apresentando sempre duas seções nas quais o autor busca dar conta da atualidade das letras pátrias. Sua argumentação ao longo do texto é constante, pois sempre calcada na cor local, a todo momento o crítico deixa transparecer laivos de sua essência comparatista, embora ela seja ainda voltada para a exclusão dos traços estrangeiros que ele possa encontrar na nossa literatura.

Com o objetivo de chegar, na parte final do ensaio, aos motivos de atavismo do cenário literário nacional, Macedo Soares traça, na segunda e terceira partes do texto, um quadro histórico da escola byroniana, consagrada por Goethe e Byron. Refletindo sobre um cenário mais amplo, o ensaísta crê que a intensa adesão a tal tendência se deve sobretudo a um momento de transição histórica e, aludindo à contaminação de nossos literatos por essa estética, postula: “nessa nova geração de poetas que começa a aparecer, nota-se uma tendência extraordinária, talvez irrefletida, para a escola byroniana, e a tal ponto que muito se assemelha à *servil imitação*” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 2, p. 367, grifos nossos). A seguir, revela os fatores que levaram Byron e Goethe a se expressarem dentro dos alicerces da escola que ilustraram.

Nos moldes da crítica biográfica de Sainte-Beuve, o crítico elucidava que todo o contexto no qual Byron estava inserido não o permitiria uma fuga “[d]essa melancolia concentrada, [d]esse desespero sombrio que se termina por um riso sardônico às mais santas instituições da vida social.” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 2, p. 367). E, dialogando com a intelectualidade

francesa, o ensaísta conclui sobre o bardo inglês: “é uma dessas imaginações um tanto físicas, como diz Villemain, que precisam ser excitadas pelas provas imediatas e pelas sensações da vida” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 2, p. 367), compreendendo, pois, que as obras de Byron não eram mais do que produtos de seu sofrimento. Passando a Goethe, revela que a singularidade do poeta alemão se aproxima da de Byron na medida em que ambas se relacionam à eclosão da Revolução Francesa. No entanto, ainda na esteira de Villemain, explica que “discípulo de Shakespeare, o seu *Fausto* é ‘um poema dramático, diz Villemain, cheio de abstrações de nossa época, [...] onde Goethe diverte-se em copiar os cantos selvagens e grosseiros das feiticeiras de Macbeth, fazendo um extravagante jogo de espírito, em vez de uma pintura simples e terrível’.” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 2, p. 368). Tal afirmação aponta para a consideração das intersecções possíveis entre as literaturas, sem prejuízo do desenvolvimento de obras originais, o que, nessa etapa, Soares entrevê apenas nas literaturas matriciais.

Por isso, ao ponderar acerca de uma literatura brasileira que é a soma das tendências externas com o colorido local, Macedo Soares conclui que disso não poderia resultar nada novo e original:

O lirismo da escola francesa, ao lado do transcendentalismo alemão [...] e as excentricidades do byronismo acharam eco entre nós. Mas estes elementos, ainda que sejam amalgamados por um elemento novo – porventura o sentimentalismo americano – poderão produzir uma poesia nova? Não o creio. Exagerou-se os princípios do estrangeiro, e os fatos provam que *daí não proveio nem um laivo de poesia nacional*. [...]

Entre nós devaneia-se a Goethe, suspira-se a Lamartine, maldiz-se a vida com Byron, *porém não se poeta como brasileiro* (SOARES, 1857b, v. 3, n. 3, p. 392, grifos nossos).

Desse modo, ele evidencia que para ser um poeta fundamentalmente nacionalista o escritor não se deve “deixar levar por influência de escolas e menos ainda de grandes nomes. *O que se deve imitar é a natureza*, e só ela, porque aí reside, [...] a unidade na variedade e a variedade na unidade” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 3, p. 394, grifos nossos). Sendo assim, o ensaísta depreende que “a nacionalidade não significa senão a expressão da vida de um povo e de suas relações com o país que habita” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 3, p. 395).



Por fim, Macedo Soares procura desconstruir uma crença que seus contemporâneos nutriam para justificar a situação precária em que se encontravam as letras pátrias. Eles enxergavam o Brasil como herdeiro direto das tradições portuguesas e, conseqüentemente, nesse elo que os interligava ao antigo colonizador, acreditavam que não haveria espaço para destaque literário em solo brasileiro quando à vista da proeminência de um Garrett, de um Serpa Pimentel e de um Palmeirim. Entretanto, em defesa da distinção entre as duas nações através do que identificamos ser uma apropriação da teoria da “oposição norte *versus* sul por via do clima” (SANTOS, 2022, p. 89) popularizada por Madame de Staël, o crítico fluminense postula:

[...] é inegável que *passando para debaixo de um novo clima*, localizando-se entre nós, e sofrendo modificações necessárias de nossa história e de nossa natureza, tem tomado um jeito característico que, sem todavia desmentir sua origem, mostram ser professados por uma outra sociedade. Apoderar-se desta nova feição, dar-lhe a forma poética, é tarefa difícil, mas não impossível [...]. Quanto à natureza, considerada como elemento da nacionalidade da literatura, onde ir-se-á buscá-la mais cheia de vida, de beleza e poesia, fonte mais rica de inspirações, uma vegetação mais luxuriante do que sob os trópicos? (SOARES, 1857b, v. 3, n. 3, p. 397, grifos nossos).

Nota-se, assim, que o crítico assume a postura orientadora atribuída à nossa crítica oitocentista, indicando um inequívoco caminho para que se consolidassem, de forma autônoma, as letras em solo brasileiro.

Quanto ao ensaio “Da literatura byrônica”, escrito em 1859 e publicado em 1861 no *Fórum Literário*, Macedo Soares comenta, não sem alguma satisfação, o declínio da estética byroniana que, como bem observa, teve como expoente, no Brasil, Álvares de Azevedo, o qual “exerceu uma influência profunda, mas felizmente passageira sobre a nossa literatura contemporânea” (SOARES, 1861a, v. 1, n. 2, p. 11).

Essa publicação é formulada nos moldes da anterior no que diz respeito à extensão, o que contribuiu para que ela fosse seriada em dois números do referido jornal. Além disso, o crítico, a partir de uma perspectiva macro, traça uma reconstrução histórica, buscando explicitar as causas associadas à emergência da tendência que se findava a partir de três pilares: o religioso, o político e o literário, sendo “a última [...] naturalmente determinada pelas primeiras” (SOARES, 1861a, v. 1, n. 2, p. 12). No âmbito da religião, encontra motivação na reforma luterana pelo abalo provocado na crença e na fé, e no que tange à política, houve revoluções

que reafirmaram o desejo pelo individualismo e pela liberdade, como a revolta que deu início ao processo de independência dos Estados Unidos. Como consequência disso, o homem tornou-se ciente de sua potência diante do mundo, dando vazão a este sentimento por meio da arte.

É interessante notar que no ensaio em questão, Macedo Soares evidencia o que já deixara implícito em “Considerações sobre a atualidade da nossa literatura”: a aceitação da estética byroniana em gênios como Goethe, Byron e Álvares de Azevedo por compreender que, apesar de “exageradores de sãs doutrinas” (SOARES, 1857b, v. 3, n. 3, p. 393), esses poetas não poderiam ter se expressado de outro modo, haja vista que suas obras foram a encarnação de seus sentimentos. O que aborrecia o crítico, sobretudo, era a proporção tomada em decorrência do ar de novidade da tendência, o que fez emergir imitadores rasos de uma estética tão profunda.

Outro fator digno de nota é que ao reconstruir os aspectos que levaram ao aparecimento da tendência em questão, o crítico fluminense não pôde deixar de reconhecer que a literatura não se comporta de forma isolada, mas como um produto de diversas influências. Isso fica explícito quando Macedo Soares afirma que “os heróis de Byron são filhos legítimos de René e Werther, como estes procedem do Saint-Preux da *Nova Heloísa*, como ainda Saint-Preux descende em linha reta do Hamlet, o venerando [sic] tronco dessa gloriosa geração” (SOARES, 1861a, v. 1, n. 3, p. 17). Pode-se inferir que essa filiação delineada pelo crítico pode se desenvolver em solo nacional quando continuada por autores de gênio, que realmente filiam-se espiritualmente ao sentimento que dela emana, e não por meros imitadores. Essa possibilidade marca uma diferença em relação ao processo de vinculação observado em CAL, pressuposto entre Alemanha e Inglaterra, países de tradição literária consolidada.

Corroborar, ainda, um senso de mudança de postura, a adoção de um novo olhar por parte de Macedo Soares para o fenômeno literário. Se em CAL o crítico mostra-se adepto à concepção de Bonald, de que a literatura muda conforme a sociedade muda, em DLB, por outro lado, ele recorre a Saint-Marc Girardin, estudioso das literaturas estrangeiras, para considerar algo distinto do que afirmara anos antes:

Tem sido aceita como ponto de dogma e no sentido mais absoluto o pensamento de Bonald: A literatura é a expressão da sociedade. Porém[,] Saint-Marc Girardin, com uma perspicácia engenhosa, demonstra que a literatura exprime muitas vezes antes o estado da imaginação de um povo do

que o estado da sociedade. É o que em nossos dias se tem dado (SOARES, 1861a, v. 1, n. 2, p. 11).

Essa ampliação do escopo do que pode ser expresso pela literatura talvez permita abordar situações que não se vinculem expressamente aos costumes e à natureza física, cerne do conceito de nacionalidade literária pautado em CAL.

É notória, nesse ponto, a importância que assume o pensamento de Girardin, por meio de seu *Cours de littérature dramatique* (1845), republicado em diversas revistas europeias, como a *Revue de Paris*, e amplamente citado por Soares, nesse artigo, inclusive, sendo fonte da linha hereditária esboçada pelo articulista. Se tanto Villemain quanto Girardin se aproximaram, de certa forma, dos princípios relativistas e transfronteiriços dos estudos de literaturas estrangeiras, Girardin tem o mérito de pautar seu livro em tópicos literários, como a do suicídio, por exemplo, e investigar como as literaturas em diferentes épocas e locais se apropriaram dela. Já Villemain, mesmo que considere, em sua monumental história da literatura francesa, as trocas culturais de sua pátria com outros países, caso da Inglaterra na constituição das letras francesas do século XVIII, trabalha na perspectiva de escrita da história literária nacional. Portanto, pode-se pensar que a leitura de uma obra como a de Girardin tenha surtido algum impacto em nosso acadêmico.

Partamos, pois, para aquilo que estamos chamando de resenhas. Ambas apareceram em apenas um fascículo de seus respectivos jornais, apontando para a diferença de extensão devida à dimensão do assunto abordado. Em “Cantos da solidão”, publicada em 1857 nos *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, Macedo Soares visa traçar comentários críticos acerca da obra poética de mesmo nome, de autoria de Bernardo Guimarães. O crítico não demora a apontar a variedade de temas explorados pelo poeta e, se por um lado observa o colorido local em muitas das composições, por outro, não deixa de notar aquelas em que se evidencia os influxos da estética byroniana, o que o levou a concluir que “Bernardo Guimarães ainda não [era] um poeta verdadeiramente nacional” (SOARES, 1857a, v. 3, n. 3, p. 387).

A seguir, de modo a esclarecer sua resolução acerca de Guimarães, argumenta sobre o que entende por nacionalidade literária respaldando-se no “Discurso sobre a nacionalidade da literatura” lido, em 1843, por Mennechet no Congresso histórico de Paris:

Eu penso com Mennechet que a literatura é nacional quando está em harmonia com a natureza e clima do país, e ao mesmo tempo com a religião, costumes,



leis e história do povo que o habita. Ora, o elemento principal da literatura é a poesia; e[,] pois o poeta deve contemplar o espetáculo da natureza e saber sentir as impressões dele recebidas, deve mostrar-se muito possuído de sentimento religioso<sup>7</sup>, porque sem religião não há arte; deve apreciar os costumes, porque eles são a filosofia do povo [...]; deve conhecer as instituições do país, porque sem elas não há sociedade, não há povo, não há família; finalmente deve compreender as tradições pátrias, revelar o segredo do passado, o laço místico que o une ao presente para pressentir os infortúnios ou as glórias do futuro (SOARES, 1857a, v. 3, n. 3, p. 387).

Atribui a postura esquiva de nossos literatos frente à produção de uma literatura nacional ao egoísmo que “não lhes deixa um momento para se dedicarem à pátria.” (SOARES, 1857a, v. 3, n. 3, p. 387), conferindo ao ideário em questão um caráter de dever patriótico ao qual nossos poetas deveriam se submeter.

Dentre as poesias que lhe agradaram na obra, Macedo Soares destaca duas, “O ermo” e “O devanear do cético”, “nelas revela-se o sr. Bernardo Guimarães como uma das mais decididas vocações poéticas que tem aparecido ultimamente entre nós: no “Ermo” é o filho do Brasil, no “Devanear” é o filho do século.” (SOARES, 1857a, v. 3, n. 3, p. 390), isso porque enquanto na primeira o poeta explora a cor local, na segunda ele abarca um lado mais subjetivo, não o ceticismo e a descrença encarnada de Voltaire ou de Byron, mas um lamento em relação à barreira que se coloca entre os mundo físico e espiritual. Entretanto, apesar das ressalvas temáticas e formais quanto à obra, o crítico conclui: “o sr. Bernardo Guimarães é uma das glórias da nossa nascente literatura: o seu mais precioso título são os *Cantos da solidão*. Pode-se dizer dele o que Gustave Planche disse de André Chénier: não é uma esperança de poeta, é um poeta feito” (SOARES, 1857a, v. 3, n. 3, p. 391).

“Tendências novas” é o ensaio mais breve entre os quatro aqui analisados, sendo o único que não conta com nenhum tipo de apoio teórico explicitamente citado. Tendo sido publicado em 1861 no *Fórum Literário*, nele Soares faz apontamentos sobre a aparição e o sucesso da obra *Folhas soltas*, de Nuno Álvares. Publicado no Rio de Janeiro em 1860, o livro logo tornou-se assunto em diversos periódicos ao redor do país e modelo a ser imitado no

---

<sup>7</sup> Macedo Soares explica em nota de rodapé: “Quando falo em religião não quero apontar o catolicismo [...]; falo do sentimento religioso, da religião do belo, ao menos. Esta acha-se mesmo no paganismo, e talvez foi dela que nasceram os mitos, quando nos primeiros dias da civilização dominava a observação externa. É desta religião que se acham impregnadas as literaturas orientais e as rúnicas.” (SOARES, 1857a, v. 3, n. 3, p. 387)



âmbito do fazer literário. Sobre os méritos da obra, o crítico destaca, com base no que já pontuara em ocasião anterior, tratar-se de “um belo livro, um tesouro de sentimentos delicados e engenhosos pensamentos [...] e convicções sinceras, traduzidos numa frase de graciosa singeleza.” (SOARES, 1861b, v. 1, n. 4, p. 25). Constata-se que ao longo da resenha nada é mencionado em referência ao colorido local e, mais do que isso, nota-se que esse critério não é utilizado em momento algum para avaliar Nuno Álvares – apesar do crítico identificar na presente obra laivos byronianos –, traço que distingue essencialmente esse ensaio de “Cantos da solidão”. Além disso, muito se discute acerca de uma exploração poética pautada no subjetivismo, sendo a sinceridade do poeta, critério romântico por excelência, um dos fatores que certamente contribuíram para o êxito do livro.

A seguir, buscando evidências do que poderia ter ocasionado tamanha popularidade em torno da obra, Macedo Soares acredita encontrá-las no declínio da estética byroniana que “de 50 a 56 [...] reinou sem contrapeso” (SOARES, 1861b, v. 1, n. 4, p. 25). Em esclarecimento, o crítico argumenta que a publicação, em 1856, das “Cartas sobre a Confederação dos Tamoios” por Alencar, chamou a atenção para o nacionalismo de Gonçalves Dias. Aliado a isso, o lançamento, pouco tempo depois, de *O Guarani* acabou finalmente fazendo com que “o byronismo sofre[sse] um abalo profundo [, logo] [...] precisava-se de crença: o hábito do ceticismo afetado ia-se tornando uma segunda natureza, e a puerilidade passava a ser coisa séria” (SOARES, 1861b, v. 1, n. 4, p. 26). Ou seja, tanto a polêmica em torno da *Confederação dos Tamoios* quanto o aparecimento do romance de Alencar podem ter, na visão de Soares, angariado passos importantes na constituição de uma literatura a qual ele reputava a mais nacional, deixando uma margem de manobra mais ampla para o cultivo de outras vertentes poéticas.

Nesse sentido, o livro de Nuno Álvares continha em suas páginas tudo aquilo que se fazia imprescindível à vista do momento transitório de princípios estéticos e, ao voltar-se para ele, Macedo Soares elenca: “amor casto, fé sincera, imagens suaves, ainda uns toques de melancolia byroniana, eram qualidades bastantes para recomendar as *Folhas soltas* e nelas vejo eu a razão mais poderosa de seu triunfo” (SOARES, 1861b, v. 1, n. 4, p. 26). Por fim, ponderando acerca do destino da obra no decorrer do tempo, o ensaísta crê que em razão da veracidade de sentimentos transposta em suas páginas, ela permanecerá sendo lida, entretanto, assevera: “o que está destinado a morrer, é parece-me, a cópia descorada onde a alma não assoprou seu bafo animador. Todavia, essa imitação prova a insuficiência do byronismo e tendências bem pronunciadas para uma poesia mais verdadeira. É uma esperança consoladora.”



(SOARES, 1861b, v. 1, n. 4, p. 26). Isso revela que se víamos em CS um crítico certo de que a fórmula para o triunfo das letras pátrias residia unicamente na abordagem nacionalista, em TN esse aspecto, sequer mencionado, parece demonstrar, em Macedo Soares, um flerte com um novo olhar para o que concerne ao fazer literário.

A partir do exposto, podemos, enfim, traçar algumas considerações no âmbito da conclusão deste artigo que procurou pensar mudanças no ideário do crítico fluminense por um viés sistemático, embora não definitivo.

### **Considerações finais**

Apesar de Macedo Soares ter entrado para a história da literatura como um crítico fundamentalmente nacionalista, traço que a propósito predomina em seus diversos ensaios dispersos pelos periódicos oitocentistas, é inegável, diante de tão extensa discussão quanto a que permeou o movimento de emancipação da literatura brasileira, que ele não tenha passado por um processo de alteração do seu ideário crítico, relativizando antigas posturas e adotando outras, pressuposto corroborado pela análise das publicações selecionadas.

Enquanto em 1857, Macedo Soares não demonstrava incerteza quanto à suficiência de uma literatura mais localista para compor a base da constituição das letras pátrias, em 1859, quando escreve DLB que só vem a ser publicado em 1861, o crítico já demonstra sinais de mudança no curso de suas ideias, o que traz à publicação uma concepção mais universalista, no sentido de que ele se mostra aberto a enxergar como as diversas literaturas se influenciam mutuamente.

Ademais, se em CAL, de 1857, à vista de uma perspectiva nacionalista, o crítico evidencia que a estética byroniana, ainda que verdadeira expressão do sentimento de nossos poetas, não deveria criar raízes entre nós, nessa leitura que fizemos do ensaísta, dois anos mais tarde, quando escreve DLB, o que lhe parece inaceitável é, sobretudo, o servilismo da imitação em oposição ao exercício emulatório, hipótese que ganha força quando ele próprio define o termo byronismo como sendo nada mais do que uma “imitação da maneira de Byron” (SOARES, 1861a, v. 1, n. 3, p. 19) e reconhece a legitimidade de obras fundidas nessa estética quando vindas da pena de um Álvares de Azevedo.

Considerando essas questões, não pudemos deixar de ponderar sobre o que e/ou quem teria exercido influência sobre um dos críticos de maior importância dos oitocentos, fazendo-o explorar questões para além da esfera hegemônica do Romantismo brasileiro, ao abrir-se para



uma perspectiva mais universalista de literatura e tornar-se mais receptivo a uma poesia que tivesse como premissa o subjetivismo do poeta, como evidencia em TN. Nesse sentido, uma primeira motivação pode estar relacionada à eclosão da estética byroniana no âmbito da segunda geração romântica no Brasil, a qual por si só já representou um afastamento do indianismo. Tendo, pois, deixado profundas marcas em nossa literatura desde seu surgimento até o momento de seu declínio no final da década de 1850, o crítico pareceu compreender que o primeiro passo para retornar ao equilíbrio após anos de produção de uma literatura impregnada por exageros estaria na recuperação dos valores corrompidos e, por isso, ele exalta a crença transposta nas composições de *Folhas soltas*, de Nuno Álvares, em contraposição à descrença difundida pelo byronismo. Então, depois de um momento de forte reação, o crítico, ao ver esmorecido seu suposto inimigo estrangeiro, baixa sua guarda diante da ameaça internacional.

Uma outra possibilidade, que não exclui a anterior, está associada à intensificação de menções a diversos estudiosos das literaturas estrangeiras em seus ensaios críticos: Madame de Staël, Planché, Girardin, Villemain e Chasles foram todos por Macedo Soares citados. Não deixamos de notar que algumas referências foram manejadas de forma incipiente pelo crítico, como artifício de erudição, algo comum à época e, portanto, pouco relevante para corroborar uma efetiva ação sobre a alteração de seu discurso de forma mais assertiva.

Entretanto, quando olhamos para esses nomes buscando discernir as apropriações teóricas de mais força em seus ensaios, podemos, enfim, constatar que o crítico não fez escolhas aleatórias. Assim sendo, em um artigo hegemônico como “Considerações sobre a atualidade da nossa literatura”, notamos uma argumentação que nos remete à releitura da teoria dos climas de Madame de Staël, que apesar de não ter sido formulada apenas com esse intuito, adequou-se perfeitamente à finalidade diferenciadora de Soares, no contexto de defesa da cor local. Entretanto, em “Da literatura byrônica”, ensaio que destoa do anterior, o que notamos é a proeminência de um Girardin – estudioso mencionado, inclusive, nos ensaios de Álvares de Azevedo. Isso faz crer que o embasamento teórico interfere na argumentação, desde que se percebam as nuances de linhas de estudo por vezes esquecidas, como é o caso dos estudos de literaturas estrangeiras.

Por fim, as hipóteses discutidas nos permitem considerar que, ao apropriar-se do ideário de autores que assumiram uma visada cosmopolita, Macedo Soares não o faz sem certa autonomia. Nessa perspectiva, as fontes com as quais dialoga configuram-se, de forma conveniente, como um meio a partir do qual o crítico pode atingir os intentos de sua respectiva

concepção acerca do fazer literário. Por isso, pensamos que se a intelectualidade francesa exerceu alguma influência sobre o fluminense, isso se deu em decorrência da abertura consciente de sua própria figura.

## REFERÊNCIAS

- CAIRO, L. R. Sobre o instinto de americanidade da crítica literária romântica brasileira: Antônio de Macedo Soares (1838-1905). In: *Teresa*, [S.l.], n. 12-13, p. 257-270, dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99373>>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 2.
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, 58).
- COUTINHO, A. *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1968.
- EGYDIO, P. Antônio Joaquim de Macedo Soares: poeta, crítico, prosador. In: *Imprensa acadêmica*, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 2-3, 1864.
- ELESBÃO, J. S. *O ideário crítico de Macedo Soares*. 2020. 188 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/16666>>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- ESPAGNE, M. *Le paradigme de l'étranger: les chaires de littérature étrangère au XIXe siècle*. Paris: Les Éditions du CERF, 1993.
- FARIA, M. A. Fontes francesas da crítica acadêmica paulistana. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S.l.], n. 3, p. 67-77, dez. 1968. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/45668>>. Acesso em: 4 mar. 2023.
- GARMES, H. *O romantismo paulista: os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.
- GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, jan. 1988. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1935>>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- INTRODUÇÃO. *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-3, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/818291/1>>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- SANTOS, N. G. S. A imprensa oitocentista na construção dos ensaios literários de Álvares de Azevedo. In: *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 123-147, mar. 2021. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_e\\_a\\_roda/article/view/17120](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/17120)>. Acesso em: 03 mar. 2023.



- \_\_\_\_\_. *Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e a literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 2022. (Ensaio de cultura, 65).
- SOARES, M. Cantos da solidão. In: *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 386-391, 1857a.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a atualidade da nossa literatura. In: *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 363-369, 1857b.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a atualidade da nossa literatura. In: *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 391-397, 1857b.
- \_\_\_\_\_. Da literatura byrônica. In: *Fórum Literário*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 11-14, 1861a.
- \_\_\_\_\_. Da literatura byrônica. In: *Fórum Literário*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 17-19, 1861a.
- \_\_\_\_\_. Tendências novas. In: *Fórum Literário*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 25-26, 1861b.
- SOUZA, N. A. O advento da moderna crítica literária na França do século XIX: de Mme de Staël a Gustave Lanson. In: *Caligrama: revista de estudos românicos*, [S.l.], v. 11, p. 201-221, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/203>>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- SOUZA, R. A. A crítica literária no Brasil oitocentista: um panorama. In: CORDEIRO et al. (org.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013, p. 13-28.